

O cortejo da memória e a provocação da memória local de uma favela de Belo Horizonte¹

Rodolfo Nazareth Junqueira Fonseca²

O Cortejo da Memória foi uma manifestação artística de rua promovida pelo Projeto Conexões dos saberes – UFMG / MEC e o grupo de teatro Grupo do Beco, este nascido dentro da favela Aglomerado Sta. Lúcia, comunidade mais conhecida como Morro do Papagaio em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. A manifestação consistiu basicamente em um cortejo na forma de intervenção artística pelas principais ruas da comunidade, em um sábado pela manhã e à tarde, com atores do grupo representando personagens locais emblemáticos, cujo o objetivo era despertar elementos da construção e convivência da memória comunitária. Dentre os personagens fictícios da intervenção artística, haviam três principais. A lavadeira carregando uma lata d'água na cabeça, chamando a atenção de todos, já que há muitos anos o “Morro” já tinha água encanada, remetendo a memória da bica coletiva de água que fornecia água a todos. Outro personagem, uma senhora de rolinhos e lenço estampado na cabeça carregava uma janelinha e falava com as pessoas se enquadrando através dela. Era a fofqueira do Morro, fazendo referências às práticas de comunicação local. E por fim, o protagonista: "Seu Zé", antigo morador local que supostamente estaria indo embora para sua cidade natal, remetendo aos muitos moradores de origem interiorana. Ele conversava com o público pedindo a cada um que desse a ele um objeto pessoal para levar de lembrança da comunidade.

¹ Trabalho apresentado no GT05 – Repensando as linhas abissais: perspectivas críticas da museologia e do patrimônio cultural.

² Sociólogo formado pela UFMG, mestre em Planejamento urbano e Regional pelo IPPUR / UFRJ, fotógrafo e produtor audiovisual formado pela Escola de Cinema Darcy Ribeiro – RJ. Atualmente é professor da Faculdade de Políticas Públicas – FaPP - Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG. Contatos: contatorodolfofonseca@gmail.com / www.filmesderodolfofonseca.blogspot.com.

O Cortejo da Memória foi uma experiência realizada em 2005 e concebida em uma parceria entre o Grupo do Beco e o Programa Conexões dos Saberes / Ministério da Educação - MEC, coordenado localmente pela Faculdade de Educação da UFMG. O Programa Conexões dos Saberes ocorreu em nível nacional de 2004 a 2008 com objetivo de gerar articulação entre as universidades, estudantes de origem popular e suas comunidades, visando proporcionar troca de saberes, experiências, demandas e a produção de conhecimento a respeito. Este artigo é parte dos desdobramentos de dissertação defendida pelo autor na obtenção de título de mestre em Planejamento Urbano e Regional junto ao IPPUR / UFRJ, orientada pela profa. Dra. Ana Clara Torres Ribeiro (in memoriam), a quem dedico esta publicação.

A favela Aglomerado Santa Lúcia, mais conhecida como Morro do Papagaio, cujo nome representa, para seus moradores, apenas uma de suas áreas, é composta de quatro comunidades ou vilas: Morro do Papagaio, Vila Estrela, Barragem Sta. Lúcia e Vila São Bento. A favela como um todo tem cerca de 19.000 habitantes, segundo dados da Prefeitura de Belo Horizonte. É uma das maiores favelas da cidade e se localiza em sua região centro-sul, a cerca de 3 km da área original planejada da cidade e envolvida por bairros de classe média e média alta e o início da rodovia de ligação com o Rio de Janeiro (BR-040).

O Grupo do Beco surge em meados dos anos 2000 baseado em experiências teatrais locais anteriores e da reunião de jovens do Aglomerado Sta. Lúcia com alguma vivência teatral ou artística, seja dentro de projetos comunitários, nas igrejas ou mesmo na mobilização de protestos por melhorias na comunidade. Ao longo dos anos, o Grupo do Beco foi se profissionalizando em contato com iniciativas de cursos e atividades promovidos pela política pública municipal de cultura à época, assim como com o apoio e a parceria do produtor cultural Rômulo Avelar, um dos mais importantes gestores e assessores do reconhecido grupo teatral mineiro, Grupo Galpão. A parceria com o produtor cultural abriu uma rede de contatos artísticos e institucionais de grande importância para o crescimento e o reconhecimento artístico e profissional dos integrantes do Grupo do Beco.

Em 2005, na época da realização do Cortejo da Memória, o Grupo contava com nove jovens entre 20 e 30 anos, escolarizados, todos originários do Aglomerado Sta. Lúcia, reunidos pelo objetivo comum de construir, encenar e produzir peças teatrais que procurem falar, de alguma forma, sobre a vida na favela. O Grupo do Beco, naquele momento, era o mais representativo grupo cênico do Aglomerado Sta. Lúcia. Dotado tanto de sensibilidade na expressão do cotidiano e das histórias do universo social vivenciado por seus integrantes, quanto na comunicação com o público do lugar, que sempre era o primeiro espectador de suas peças teatrais.

O objetivo deste relato de experiência é descrever e analisar o Cortejo da Memória, na posição de fotógrafo e observador participante do evento, desde sua preparação até sua execução. Analisa-se o acontecimento com base nas reações e situações de encontro dos moradores com os personagens do Cortejo, de fotografias e entrevistas a posteriori, os reflexos e impactos provocados pela intervenção teatral no cotidiano e na memória local da comunidade.

A preparação da experiência

O Cortejo da Memória começou a ser construído alguns meses antes em reuniões e oficinas de participativas entre professores e estudantes da UFMG, lideranças comunitárias e atores do Grupo do Beco. Nas reuniões partia-se da seguinte questão, qual a melhor forma de provocar a memória local comunitária? O consenso é que deveria ser um evento que chamasse a atenção da comunidade. Mas qual seria o formato deste evento? A reapresentação de uma das peças teatrais do Grupo? Um seminário entre universidade e lideranças locais? Um colóquio acadêmico? Que resultados ele ofereceria? Uma oficina e a publicação de um livro?

De fato, um evento acadêmico não permitiria a repercussão na memória local que se pretendia, como destacavam os atores do Grupo do Beco. Porém a reapresentação de uma das peças teatrais do Grupo trataria algo conhecido, mas não seria um fato novo para a memória comunitária. Chegou-se à conclusão de que seria preciso partir de algo que

fosse reconhecido pela população, mas suficientemente novo para chamar atenção do público.

O evento aconteceria em um sábado. Por um lado, como todo sábado na favela, este é um dia da semana em que as casas estão cheias, a maioria dos adultos não trabalha e as crianças não tem aulas na escola. Por outro lado, haviam outras ocupações concorrentes: a televisão, a pelada de futebol e a bebida nos botecos. Um evento em espaço fechado não trataria o público. Um evento concentrado em uma das vilas da comunidade deixaria de reconhecer a memória das outras vilas. Era preciso ir até o público, intervir no seu cotidiano, abranger os diferentes espaços e gerar o inesperado.

Os atores do Grupo do Beco, partindo de sua experiência com o teatro de rua, muito influenciada, inclusive, pelo teatro do Grupo Galpão, propõem: por que não fazemos um cortejo teatral pelas ruas da comunidade? Ocupar as ruas parecia a melhor forma se realizar um evento abrangente tanto para o público quanto na relação com as diferentes identidades espaciais da comunidade. Os estudantes e professores da UFMG foram se dissuadindo do Seminário ou Colóquio e reconhecendo a potencialidade do cortejo. Aos poucos foi se desenvolvendo uma proposta mais própria à memória do lugar, mais artística, menos acadêmica e institucional.

Por fim, a proposta desenvolvida e colocada em prática conjuntamente desenhou o cortejo da seguinte forma. O cortejo do grupo de teatro seguiu um trajeto pré-estabelecido, parando nas casas de pessoas e locais considerados de referência para contar a história da comunidade: lideranças comunitárias, moradores antigos, marcos visuais e espaciais do lugar. Em cada parada, a liderança ou o morador antigo era entrevistado pelo protagonista do cortejo, seu Zé, personagem idoso reapropriado da peça teatral “Bendita, a voz entre as mulheres”, produzida e encenada na comunidade pelo Grupo do Beco. Seu Zé estaria indo embora e faria sua última caminhada pelo Morro. Cada morador entrevistado deveria dar-lhe um objeto pessoal de lembrança que representasse a comunidade. Antes e depois das entrevistas outros personagens do Grupo em pernas de pau encenavam textos e ações chamando a atenção dos moradores de cada lugar. Durante as entrevistas, haviam

intervenções da personagem fofoqueira do Morro, estimulando as falas dos entrevistados e do público. O cortejo duraria toda manhã e a tarde do sábado, findando com a exibição de filmes de ficção e documentário realizados na própria comunidade no final do trajeto. Tudo foi filmado e fotografado, tendo ainda o áudio das entrevistas gravado pelos estudantes do Projeto Conexões do Saberes / FAE-UFMG/MEC. Todo o cortejo foi planejado até o ponto de não o deixar de ser improvisado, espontâneo e aberto aos imprevistos.

Conclusões

A linguagem do cortejo já seria conhecida e reconhecida, antes de ser apropriada pelo teatro de rua, como uma expressão da linguagem popular, seja associado a ritos religiosos, como as procissões e romarias, ou a festas populares, como o próprio carnaval. A rua da favela, por uma relação menos segmentada entre o público e o privado, no dia-a-dia, já é o lugar do jogo social, do encontro, da troca e do lúdico entre moradores, no caminho do trabalho para casa ou nos espaços comunitários e comerciais da favela. É preciso reconhecer que o Cortejo da Memória partiu desta prática social comunitária e a exaltou pela sua forma e linguagem festivas que lhe são próprias. De fato, o cortejo traz consigo uma força coletiva, seja pela sua capacidade de agregação e mobilização, seja pela forma como ocupa e dá novo sentido ao espaço e ao cotidiano do espaço urbano local na cidade.

Podemos dizer que a linguagem de ocupação espacial do Cortejo da Memória, além de chamar a atenção dos moradores pela exploração da face lúdica da rua, estimulava diálogos entre os personagens e moradores que são verdadeiras referências na memória comunitária e no cotidiano da favela. Ao longo do Cortejo, não apenas o Grupo do Beco oferecia algo para a vida comunitária do lugar, mas seu trabalho, improvisado em grande parte, também se moldava no contato com cada morador com quem dialogava, em cada momento do dia do Cortejo.

De fato, sem dúvida o mérito do método adotado pelo Cortejo da Memória está na valorização e materialização da memória comunitária local através de suas manifestações

artísticas, gerando um processo de auto identificação / representação da própria comunidade junto aos moradores como forma de contar sua(s) própria(s) história(s).

Desse modo, a atuação do Grupo do Beco no Cortejo da Memória parece demonstrar, de maneira exemplar, através da auto identificação dos moradores com os personagens criados, a capacidade de síntese do trabalho teatral diante do imaginário social e comunitário da favela. Dentre os principais resultados da intervenção alcançados podemos apontar e refletir metodologicamente sobre os caminhos da valorização de elementos da memória comunitária local por meio de manifestações artísticas.

É importante destacar que processo de construção do Cortejo da Memória na relação com o Grupo do Beco expõe, por sua vez, um complexo e diversificado processo de (re)construção permanente do imaginário social da favela, dentro do qual determinados artistas locais têm um papel ativo, seja pela importância da organização comunitária e da formação de uma identidade de lugar da favela em sua produção artística ou pela importância desta mesma produção na consolidação comunitária, assumindo-se como representantes culturais do Aglomerado Sta. Lúcia na vida cultural da cidade.

Na medida, em que indivíduos ou grupos ligados à produção cultural na cidade assumem a mediação junto à arte da favela, legitimando e gerando reconhecimento cultural ao seu trabalho, possibilita-se a estes artistas tornarem-se mediadores entre mundos sociais distintos, a favela e o restante da cidade. Desse modo, o papel de artistas locais como o Grupo do Beco se insere entre a imagem negativa do lugar e a construção de uma nova imagem, aliando o aprimoramento do seu trabalho à construção de imagens alternativas do lugar, construindo mediações entre o imaginário social comunitário e o imaginário urbano mais amplo da cidade.

Por fim, vale fazer alguns apontamentos a museologia social e aos museus comunitários no que diz respeito ao uso de métodos de trabalho de intervenção artística nas comunidades ou localidades onde atuam. Desta maneira, caberia perguntar: de que forma a intervenção artística pode ser apropriada pelos museus comunitários e promover ações inovadoras, fora dos espaços físicos dos museus, ocupando a rua? A primeira pergunta

decorrente para desenvolvermos uma ação neste sentido seria: há uma manifestação artística local que poderia expressar e sintetizar a memória local? E a segunda pergunta, quais seriam os efeitos que a manifestação artística promoveria no cotidiano e na auto representação dos moradores desta localidade?

Enfim, é grande o potencial de associação e criação de novas metodologias entre as ações museológicas e as manifestações e criações artísticas de uma localidade, isto além dos setores de educação museológica. É preciso transformar a criação de artistas locais em material essencial para a museologia social e não apenas como instrumentos de práticas de mediação educativa nos museus. Por outro lado, vale destacar que não existem modelos prontos ou acabados de construção de um cortejo ou uma intervenção artística. Podemos aprender com experiências alheias como o Cortejo da Memória, mas cada experiência deve ser tratada como única e específica como a memória de cada localidade também se caracteriza.

Referências bibliográficas

BERENSTEIN, Paola. *Estética da Ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica* – Casa da palavra / RIOARTE - Rio de Janeiro, 2001.

CALDEIRA, Tereza. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. Edusp, Ed. 34, São Paulo, 2000.

CAVALCANTI, Mariana. O Ambiente construído e a politização do cotidiano nas favelas - Artigo apresentado na XVIII Reunião Anual da ANPOCS - Caxambu – MG, 2004.

ELIAS, Nobert. *Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FONSECA, Rodolfo. *Uma outra cidade: imaginário urbano através de artistas de uma favela de Belo Horizonte MG* – Dissertação defendida no Curso de Mestrado em Planejamento urbano e Regional pelo IPPUR / UFRJ, 2006. Orientação: profa. Dra. Ana Clara Torres Ribeiro

FERRARA, Lucrécia. Cidade: imagem e imaginário. In: SOUZA, Célia; PESAVENTO, Sandra (Org.). *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Ed. da UFRGS, Porto Alegre, 1997

Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul
v. 1, n. 1, 2017.

GOLÇALVES, Renata de Sá. O cortejo festivo e sensibilidades urbanas: as marchas populares em Lisboa In: *Revista Teoria e Cultura*. Juiz de Fora, v. 8, n. 1, p. 29 a 38, jan./jun. 2013.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

VELHO, Gilberto. Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas. In *Individualismo e Cultura*. Jorge Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1981.

ZALUAR, Alba. Para não dizer que não falei de samba. Enigmas da violência no Brasil In SCHWARTZ, Lilian. *História da vida Privada no Brasil*, Companhia das Letras, SP, 1998, V. 4